

O DEUS MISERICORDIOSO (Lc 15,11-32) NUMA PERSPECTIVA INTER-RELIGIOSA

THE MERCIFUL GOD (LK 15,11-32) FROM AN INTERRELIGIOUS PERSPECTIVE

Pedro Alberto Brasil Vieira dos Santos^()
Pe. Junior Vasconcelos do Amaral^(**)*

Resumo

Este trabalho analisa a parábola do filho pródigo (Lc 15,11-32), destacando a figura de Deus misericordioso e sua relevância nas relações inter-religiosas atuais. A partir do contexto bíblico e dos ensinamentos de Jesus, discute-se a misericórdia como base para o relacionamento humano, especialmente com pessoas de outras crenças. São explorados os símbolos da parábola, como o arrependimento do filho e a acolhida do pai, imagem da compaixão divina. Por fim, reflete-se sobre a importância do diálogo inter-religioso para promover compreensão, aceitação e vivência autêntica do amor proposto por Jesus.

Palavras-Chave: Misericórdia; Parábola do Filho Pródigo, Diálogo Inter-religioso; Compaixão; Arrependimento.

Abstract

This study explores the Parable of the Prodigal Son (Lk 15:11–32), focusing on the merciful nature of God and its relevance to interreligious relations today. It analyzes the historical and biblical context and highlights mercy as a core principle in human interaction, especially among people of different faiths. The son's return is seen as repentance, and the father's embrace as divine compassion. The study emphasizes the need for interreligious dialogue that promotes mutual understanding and acceptance, aiming to inspire a genuine practice of mercy rooted in Jesus' teachings.

Keywords: Mercy; Parable of the Prodigal Son; Interreligious Dialogue; Compassion; Repentance.

^(*) Bacharel em Teologia pela PUC-Minas, Mestre em Engenharia Hídrica pela UNIFEI, Engenheiro Eletricista e Telecomunicações pela UFMG, Engenheiro de Segurança do Trabalho pela Universidade FUMEC, Especializado em Fontes Alternativas de Energia pela UFLA e Especializado em Perícia e Auditoria Ambiental pela UFRJ. **E-mail:** pedro.brasil.santos@gmail.com

^(**) Doutor em Teologia Bíblia pela FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), em Belo Horizonte, com doutorado sanduíche na Université Catholique de Louvain-la-Neuve, na Bélgica. É professor adjunto II no Departamento de Teologia da PUC Minas e membro do Programa de Pós-Graduação Profissional em Teologia Prática da PUC Minas, pesquisador, autor de livros e periódicos, líder do Grupo de Pesquisa Bíblia e Contemporaneidade, ligado ao CNPq. É presbítero da Arquidiocese de Belo Horizonte, onde atua como Vigário Episcopal na Região Episcopal Nossa Senhora da Esperança. **E-mail:** jvsamaral@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva explorar o contexto histórico-bíblico da *parábola do filho pródigo* ou *pai misericordioso* a partir do tema Deus Misericordioso, conforme sugerido em seu título. O tema surgiu através de discussões acerca dos estudos das disciplinas de Escritos Lucanos e Psicologia Pastoral e o diálogo com docentes, na Faculdade de Teologia, permeados por questões pungentes nos dias atuais. A misericórdia é um tema profundo e fundamental nas ações e ensinamentos de Jesus Cristo (cf. Mc 6,34), transmitindo a mensagem do Reino dos Céus e do amor ao próximo.

A perícopos lucana conhecida como a *parábola do filho pródigo* ou *o pai misericordioso* retrata a misericórdia do pai em relação ao filho que parte com sua herança e a gasta no mundo, e, finalmente, retorna humildemente aos braços do pai, é coberto de beijos, num cenário de arrependimento de um lado e de acolhimento e perdão de outro. Essa passagem permite uma análise sob as diversas óticas dos personagens envolvidos. Entretanto, o intuito é destacar a visão acerca do Pai, Deus Misericordioso, para com todos os seus filhos, indistintamente e independentemente de suas filiações religiosas.

A intenção é estimular uma reflexão sobre a indiferença que alguns cristãos demonstram quanto àqueles que comungam de outra fé, através de diferentes denominações e traduzir essa ideia em ações práticas de acolhimento, a fim de dar continuidade à proposta do Reino de Deus e seguir o exemplo do pai misericordioso, descrito por Jesus na parábola de Lc 15,11-32.

O foco principal não se concentra estritamente na crítica textual, no conteúdo histórico-bíblico, mas sim examinar a questão contemporânea relacionada à aplicação da misericórdia como apresentada por Jesus de Nazaré em sua concepção de um Deus, Pai misericordioso e acolhedor.

Por fim, nosso trabalho foi enriquecido pela experiência de pesquisa do Programa *Jovens Observadores*, do Observatório de Evangelização da PUC Minas, que nos proporcionou um caminho epistemológico e vivencial inter-religioso. Nossa escolha foi pela Umbanda, que, proporcionou não apenas a apreciação e o privilégio de participar de suas celebrações, mas também a conscientização dos entraves no caminho do diálogo e da convivência inter-religiosa, que pode se revelar desafiadora em diversos aspectos, mas enriquecedora no caminho fraternidade universal.

1 PERÍCOPE LC 15,11-32: NOSSA INSPIRAÇÃO

A períclope de Lc 15,11-32 constitui a terceira parábola do tríptico lucano da misericórdia, intitulada na maioria das edições bíblicas como “Parábola do Filho Pródigo”. Também é intitulada como parábola do Pai Misericordioso ou parábola da Misericórdia, sendo uma das narrativas mais emblemáticas dos evangelhos no Novo Testamento, pois pode representar e suscitar diversas interpretações pautadas nos personagens ali presentes. Apesar de não mostrar em seu conjunto a palavra misericórdia, o texto está permeado da misericórdia divina, pois o pai sentiu compaixão – em grego: *esplanchnisthé*. Tal texto é amplamente estudado tanto do ponto de vista teológico quanto literário, pois oferece camadas de significado e interpretação.

Nesse contexto bíblico-literário, a história descrita pelo evangelista narra que Jesus estava entre os murmúrios dos fariseus e escribas e os pecadores e publicanos se aproximavam para ouvi-lo. Representa um choque entre judeus e gentios, onde os judeus podem ser associados ao filho mais velho e os gentios ao filho mais novo. Nessa compreensão, pode-se refletir sobre aqueles que têm tudo na casa do Pai (judeus – filho mais velho), que se esforçam para continuar desfrutando desses bens, e aqueles que não compartilham do banquete e convívio do Pai (gentios – filho mais novo). Na parte antecedente à parábola, o evangelista introduz a história (Lc 15,1-2). Nesse sentido, a intenção era fazer com que os justos e pecadores pensassem e aprendessem uma lição, quanto a possibilidade de acesso ao Reino. Os justos eram os cumpridores da lei de Moisés e acreditavam que tinham direito à Reino mais do que os outros. Eram eles o alvo de Jesus como resposta às suas murmurações. “Este homem recebe e come com pessoas de má vida” (Lc 15,2).

A parábola do filho pródigo é comumente estudada por sua relevância, integrando um conjunto de três parábolas em Lc 15, junto às *parábolas da ovelha perdida e da moeda perdida*. Tais narrativas giram em torno do ensinamento de Jesus sobre a compaixão e a misericórdia de Deus, quanto aos pecadores que se arrependem e a alegria divina pela restauração daquilo que estava perdido, que estava morto (no caso do filho jovem, Lc 15,32).

Parábola, do grego *parabolē*, compreende um método rabínico que significa “comparação” ou “analogia” e possui, por definição, uma história curta, muitas vezes com elementos do cotidiano dos que a escutam, utilizada para transmitir verdades espirituais ou morais mais profundas. As parábolas são caracterizadas por seu uso que

suscita um ensino que encoraja a reflexão e a compreensão mais profunda acerca da vida e seus valores. Na teologia, as parábolas são usualmente associadas aos ensinamentos de Jesus Cristo e são uma forma de ensino que permite o ouvinte analisá-la sob sua perspectiva, muitas vezes, distinta do que o narrador quis transmitir. O ouvinte e a comunidade ouvinte das parábolas pode trazer para suas vidas o que elas significam ou representam.

As parábolas de Jesus encontradas nos evangelhos aproveitam cenários e personagens familiares para ilustrar princípios do Reino de Deus, comportamento ético, e a natureza do relacionamento entre Deus e a humanidade. Para Joachim Jeremias, “elas constituem uma peça da rocha primitiva da tradição. Reconhece-se de modo geral que as imagens se imprimem mais fortemente na memória do que ideias abstratas” (JEREMIAS, 2007, p. 7).

As parábolas têm o escopo de provocar a reflexão e o exame pessoal, pois são projetadas para desafiar a audiência a considerar sua própria vida e suas atitudes. Frequentemente, revelam verdades sobre a natureza de Deus e o caminho da salvação. Muitas vezes, são empregadas para contrastar o comportamento esperado com o comportamento real, incentivando a mudança e a transformação pessoal.

Na opinião de Jeremias (2007), as parábolas têm proximidade com a vida, que Jesus liga a dados concretos. As parábolas, segundo Jeremias, estão ligadas ao contexto de Jesus e devem ser lidas pela Igreja, num olhar diferente daquele da situação vital em que vivia Jesus. As parábolas e palavras de Jesus estão vinculadas a um contexto, a um tempo, assim como nas primeiras comunidades cristãs, chamadas por Jeremias de Igrejas das origens.

Na obra *A volta do filho pródigo*, o teólogo Henri Nouwen (1998) explora a parábola do filho pródigo. Nela, o autor nota descritivamente cada personagem: o filho pródigo, o irmão mais velho e o pai. Em sua análise, Nouwen destaca que, em diferentes momentos da vida, as pessoas podem se identificar com cada um desses personagens. Trata-se em outro termo da *história dos efeitos* do texto no leitor ou na comunidade leitora. O texto afeta o leitor que, como olhando para um espelho, vê-se nele através da leitura¹.

¹ Umberto Eco considera que a “competência do destinatário não é necessariamente aquela do emissor”. Embora tal questão não corresponda estritamente à relação texto-leitor, U. Eco não ignora a competência do leitor frente ao texto. Há que existir, de fato, uma leitura hermenêutica capaz de construir alteridade entre o leitor e o texto. ECO, *Lector in fabula: le role du lecteur ou la coopération interprétative dans les textes narratifs*. Paris: Grasset, 1985. p. 64. Para Eco, um texto constrói no leitor uma competência para lê-lo.

O filho pródigo representa inicialmente uma busca pela liberdade e na sequência, a necessidade de retorno ao lar; o irmão mais velho reflete o ressentimento e a dificuldade de aceitar a graça; e, por fim, o pai simboliza o chamado para amar incondicionalmente e perdoar, na opinião de Nouwen (1998).

Para o teólogo, Nouwen (1998) a leitura da parábola em questão o permitiu vislumbrar sua própria jornada espiritual, marcada pela vulnerabilidade, confusão e, finalmente, cura. Ele se vê como o filho que retorna, mas também reconhece em si as lutas do irmão mais velho e o desafio de se tornar pai. O autor utiliza a arte de Rembrandt como uma poderosa metáfora visual, ressaltando os detalhes da pintura para trazer à tona nuances emocionais e espirituais que ampliam a compreensão da mensagem da parábola. A iluminação, as expressões e a postura dos personagens, seus gestos, na obra servem como portais para a autodescoberta e para um entendimento mais profundo de Deus. A narrativa de Nouwen é reflexiva e propõe uma meditação que ressoa em cada um, acena à transformação interior e à reconsideração de nossa relação com Deus, com os outros e conosco mesmo. Esse convite abrange tanto aqueles que buscam o perdão quanto aqueles que precisam oferecê-lo, configurando a trajetória de encontro com a essência do amor: a reconciliação.

No contexto do diálogo religioso, a obra de Nouwen coloca-se em um cenário espiritual, enfocando temas universais como o perdão, a reconciliação e o amor incondicional de Deus. Tais atributos podem ser evidenciados no diálogo inter-religioso que visa a centralidade em Deus. Todo ser humano pode se descobrir como filho pródigo. Em cada um existe o desejo de retorno ao lar, ao lugar de amor e perdão, do aconchego divino. Essa passagem resume um cenário de diálogo religioso, pois aborda um sentimento universal de pertencimento e busca de sentido e aceitação. Trata-se de uma reflexão sobre a experiência comum da humanidade em sua relação com o Ser de Deus e com os outros, independentemente da tradição religiosa.

Outro detalhe na obra de Nouwen que se fecunda no ambiente do diálogo religioso se traduz nos léxicos empatia e acolhimento, valores presentes em diversas religiões. Elas abrem espaço para discussões sobre a importância da fraternidade universal e do entendimento mútuo. O verdadeiro desafio do amor é ver no outro não um estranho, mas um irmão ou irmã, que procura redenção e o caminho de volta para a casa do pai.

1.1 CONTEXTO E RELEVÂNCIA DA PARÁBOLA

A parábola do filho pródigo reporta-se a uma narrativa central envolvendo um pai e seus dois filhos. O filho mais jovem, insatisfeito com sua condição, pede sua herança e parte para uma terra distante, onde gasta tudo em uma vida devassa (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 19^a impressão, 2024). Após enfrentar a miséria, a fome, dar fim aos seus bens materiais, sofrer muito, ele decide retornar à casa do pai. Ao avistá-lo à distância, o pai corre para recebê-lo e celebra seu retorno com uma grande festa. No entanto, o filho mais velho magoa-se com a recepção calorosa dada a seu irmão que havia desperdiçado tudo.

O ressentimento do filho mais velho pode ser compreendido em vários níveis. O primeiro é o sentimento de injustiça. Sentindo-se injustiçado ao ver que seu irmão, que desperdiçou sua parte da herança vivendo de maneira dissoluta, é recebido com uma festa grandiosa, enquanto ele que permaneceu fiel e trabalhou arduamente na casa do pai, nunca ganhou uma celebração similar. Essa comoção é intensificada pela divergência entre o comportamento do irmão e a recompensa que ele recebe. Em um segundo nível, esse desgosto também pode remeter a uma comparação entre si e seu irmão, motivando insegurança e subestimação de seu próprio valor e esforço. O filho mais velho se recusa a reconhecer o seu irmão e que percebe que seu trabalho e lealdade como filho foram em vão. Quanto ao terceiro nível está relacionado a preocupações com a moralidade, onde o caráter do irmão mais novo, que leva uma vida de excessos, pode ser visto como uma violação das normas morais e sociais da época. O filho mais velho pode ver a celebração como uma validação de comportamentos que ele considera moralmente errados, o que agrava sua indignação. Vale lembrar que em Lc 15,30 o mais velho acusa seu jovem irmão de ter gasto os bens de seu pai com prostitutas, algo que não é mencionado anteriormente (v.13).

A atitude do pai a respeito dos filhos é multifacetada e reflete temas centrais da parábola, entre eles, a misericórdia e o perdão. A reação do pai ao retorno do filho mais novo é um exemplo pleno de misericórdia. Ele o recebe com amor e festeja seu retorno, demonstrando que o perdão e a aceitação são possíveis independentemente do que tenha acontecido no passado. É a valorização do arrependimento. O regresso do filho é visto como uma transformação e um reconhecimento do erro, o que justifica a celebração. Para o pai, a reconciliação e o restabelecimento do relacionamento familiar são mais

importantes do que a justiça punitiva. Ao se dirigir ao filho mais velho, o pai reafirma seu amor e a igualdade de seu afeto. Ele tenta fazer o filho mais velho compreender que o amor e a aceitação são igualmente estendidos a ambos os filhos, mesmo que as circunstâncias e as escolhas tenham sido diferentes.

O arrependimento do filho mais novo é um aspecto imprescindível da parábola, pois trata do reconhecimento da condição de miserabilidade. Após enfrentar a miséria e a fome, finalmente admite a gravidade de suas ações e a diferença entre a vida que leva e a vida que tinha com o pai. O arrependimento surge não apenas como um sentimento de culpa, mas também como um entendimento profundo de sua falha e falta, em detrimento da generosidade que havia ignorado. Seu ato de humildade atesta que suas ações foram inaceitáveis. Esse gesto é um sinal de arrependimento sincero e uma verdadeira mudança de atitude.

No panorama religioso, a parábola ilustra a natureza do perdão divino e o amor absoluto de Deus. É uma metáfora para a aceitação dos pecadores arrependidos e o convite ao retorno ao vínculo com Deus. Ela ensina que não importa o quão distante alguém possa ter estado, sempre há um caminho de volta por meio do arrependimento.

No contexto histórico e cultural, a parábola reverbera as normas sociais e familiares do tempo de Jesus, nas quais a honra e o *status* familiar eram altamente valorizados. O pedido do filho mais novo para dispor de sua herança antecipadamente era concebido como uma atitude desrespeitosa e um rompimento com as tradições judaicas. O fato de o pai perdoar sua postura e celebrar seu retorno, desafia as expectativas culturais e sociais da época. Mas como se trata de uma parábola, as coisas nelas descritas nem sempre estão milimetricamente em consonância com a realidade.

Embora a parábola não mencione diretamente as questões geopolíticas, ela pode ser interpretada como uma crítica ao espírito de exclusividade e à valorização das normas sociais sobre a misericórdia e a justiça. A narrativa contesta as normas estabelecidas e promove uma visão mais inclusiva e universal do perdão. Vale ressaltar que esta parábola, a terceira das parábolas da misericórdia tem como moldura Lc 15,1-2, cenário no qual os publicanos e pecadores se aproximavam de Jesus e os fariseus e os escribas murmuravam. Os publicanos e pecadores são os filhos mais novos, que estão à procura de misericórdia – compaixão, no grego lucano *esplanchnisthē* (Lc 15,20).

Na parábola, o pai é descrito como uma figura de grande riqueza, possuidor de muitos bens, incluindo terras e possivelmente um grande número de ovelhas, o que indica sua posição de prestígio e segurança econômica. Isso é interessante para

compreender a disparidade entre a abundância da vida familiar e a situação de pobreza que o filho mais novo sofreu. Esse contexto econômico sublinha a gravidade do desperdício do filho mais novo e a magnanimidade do perdão do pai, o contraste entre a *falta* e o *excesso*. Isso implica que o pai tinha meios de proporcionar uma vida de conforto e segurança para a família, o que amplifica a gravidade da decisão do filho mais novo de abandonar essa estabilidade. A situação de extrema pobreza e fome enfrentada pelo filho mais novo o leva a ponderar sobre suas escolhas (Lc 15,17-18). A crise que ele experimenta em uma terra estrangeira (15,16) depois de gastar toda sua herança, acarreta um momento de clareza e arrependimento. Esse cenário é crucial para entender a profundidade do arrependimento do filho e a sua decisão de voltar para casa (15,18-19).

O amor do pai é retratado como incondicional e sublime que, apesar da partida do filho mais novo e das escolhas erradas que ele fez, o pai não apenas o perdoa, mas celebra seu retorno com uma festa, antecedida por ver à distância seu filho, encher-se de compaixão, correr, lançar-se ao pescoço do filho, cobri-lo de beijos (Lc 15,20). Trata-se de um amor desmesurado, sem medo e vergonha de se doar. É um amor afetuoso como de pai e mãe. Tal amor é uma metáfora para o perdão divino, que é capaz de apagar toda a tristeza e decepção causadas pela partida e erros cometidos.

O evangelista usa a parábola para criticar a atitude dos fariseus e escribas, que estavam presentes nas pregações de Jesus e frequentemente mostravam uma mentalidade exclusivista em relação ao perdão e à salvação. O filho mais velho representa o orgulho e a rigidez dos daqueles. Fariseus e escribas se justificavam e obedientes, enquanto desprezavam os pecadores e acreditavam que eles não mereciam o perdão ou a entrada no Reino de Deus. O comportamento do filho mais velho é o reflexo da mentalidade intransigente e autopiedosa. A reação do filho mais velho à festa de retorno do irmão é o espelho da forma como os fariseus viam os pecadores, como indignos de perdão e de um lugar no banquete do Reino. O evangelista utiliza a história para explicar que o perdão e a misericórdia divina não são limitados por méritos humanos ou comportamentos passados, mas por puríssima compaixão divina.

A parábola, portanto, ensina que o amor e o perdão de Deus transcendem falhas e erros humanos. Jesus desafia a visão dos fariseus ao mostrar que Deus acolhe e exalta a volta do arrependido, involuntariamente de suas ações passadas. O perdão é uma dádiva ofertada a todos que se arrependem sinceramente, e não é reservado apenas àqueles que se julgam justos e fiéis.

Na encíclica *Dives in Misericordia*, capítulo IV, o então Papa João Paulo II definiu o filho mais novo como um símbolo de todo ser humano que se desvia do caminho da retidão e da aliança com Deus. Essa leitura expande o escopo da parábola, colocando-a no contexto das rupturas espirituais e morais. O filho mais novo corresponde à condição humana de cair em pecado, expressando a tendência de se afastar da relação com Deus à procura de gratificação imediata e egoísta. Ele busca viver a vida por conta própria, sem considerar as consequências de suas ações, o que resulta em uma jornada de desperdício e sofrimento.

A decisão do filho mais novo de exigir sua parte da herança e partir para uma terra distante é vista como uma ruptura da aliança de amor com seu pai. Repercute à maneira como os seres humanos, ao se afastarem de Deus, rompem a aliança original de amor e fidelidade estabelecida com Ele. O sofrimento do filho, após a perda de tudo, leva-o a uma profunda reflexão sobre sua vida e suas escolhas.

Essa experiência de miséria e arrependimento é um ponto decisivo, pois ele finalmente manifesta sua necessidade de voltar à casa do pai, o que incide no processo de conversão e retorno a Deus. João Paulo II salienta que a parábola ilustra a natureza do amor e da misericórdia de Deus. O pai, ao receber o filho mais novo de volta, com uma grande celebração, traduz a infinita misericórdia divina. A recepção calorosa e a festa oferecida ao filho são expressões da misericórdia total de Deus. Não importa para quão longe alguém tenha se afastado ou quais erros tenha cometido, a misericórdia divina está sempre disponível para acolher o arrependido. O ato do pai em abraçar o filho e comemorar seu retorno representam a reconciliação plena. Tal gesto demonstra que o amor de Deus é capaz de restaurar e transformar, apesar da gravidade do pecado.

O amor do pai sobressai a todas as frustrações e decepções causadas pela partida do filho. A cena ilustra como o amor divino é imensurável e não é condicionado a erros ou à distância temporal e espacial que possa existir entre Deus e o ser humano. O filho mais velho, do ponto de vista de João Paulo II, também reflete uma crítica mais ampla sobre a percepção de justiça e misericórdia. Equivale àqueles que têm dificuldade em aceitar a oferta de perdão para os outros, especialmente para os que foram considerados indignos. O comportamento do filho mais velho revela o orgulho e a mentalidade exclusivista de alguns grupos religiosos da época como os fariseus e escribas. Eles acreditavam que certos pecadores não mereciam perdão ou inclusão no Reino de Deus, destoando da visão de misericórdia que Jesus ensinava por parábolas. O ressentimento do filho mais velho é uma representação da falta de compreensão da verdadeira natureza

da misericórdia. Ele não consegue ver além das suas próprias realizações e esforços, falhando em entender que a misericórdia de Deus é para todos, sem exceções.

A encíclica *Dives in Misericordia* reitera que a parábola do filho pródigo propicia uma visão profunda da relação entre a misericórdia divina e a condição humana. A mensagem central é a universalidade da misericórdia de Deus, que não está limitada a méritos humanos ou à gravidade do pecado. A parábola encarna a ideia de que a misericórdia de Deus está disponível para todos e que a reconciliação é possível para qualquer um que deseja voltar para Ele com um coração arrependido (cf. Sl 51). A parábola desafia as noções de justiça humana, que, muitas vezes, são baseadas em mérito e recompensa. Em vez disso, ela promove uma visão de justiça, que é enraizada no amor incondicional e na disposição do perdão.

1.2 SÍMBOLOS E SIGNIFICADOS DA PARÁBOLA

A metáfora do filho pródigo é rica em simbolismo e encabeça várias leituras. Ela é uma representação dos pecadores arrependidos. Esta parábola focaliza a natureza compassiva de Deus e sua natureza ao acolhimento. O pai usualmente é interpretado como uma reprodução de Deus e a festa significa a alegria no céu pela salvação de um único pecador. Sendo assim, a recepção calorosa e amorosa do pai ao retorno do filho remete ao amor incondicional e à graça divina. O filho pródigo denota a humanidade pecadora. O filho mais velho, por outro lado, pode ser definido como aquele que se iguala aos fariseus e aos escribas, que explicitavam ressentimento em relação à inclusão de pecadores na comunidade religiosa ou até mesmo na sociedade atual, quando não se aceita aqueles que não comungam da mesma fé.

1.3 O RETORNO COMO ARREPENDIMENTO E MISERICÓRDIA

A parábola lucana enfatiza a importância do arrependimento genuíno e do perdão divino. O filho mais novo experimenta um momento de profunda reflexão e retorna ao pai com humildade após enfrentar dificuldades, enquanto o mais velho reluta, ressentido, em aceitar o perdão e acolhimento ao mais novo. É um chamado à aplicação dessas lições na vida cotidiana. O filho mais velho se fecha para o diálogo, enquanto o filho mais novo explora o sentimento do remorso. O pai está no meio de ambos e pratica a misericórdia, no meio desse “triângulo” relacional.

1.4 RELEVÂNCIA PARA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A parábola possui um alcance na sociedade contemporânea, onde questões de compaixão, ciúmes e perdão são comuns. A atitude do irmão mais velho face à volta do irmão mais novo desencadeia a oportunidade para discutir as dificuldades que algumas pessoas têm em aceitar o perdão e a restauração daqueles que erraram ou até mesmo daqueles que são diferentes.

O evangelista narrou essa pequena história em um ambiente cultural onde o perdão aos pecadores e sua aceitação eram questões principais. Ela pontua o pensamento de Jesus para o relacionamento com Deus e entre as pessoas. Este convite à reflexão sobre as relações com Deus e com o próximo acentua a importância do perdão, arrependimento e graça na vida cristã. Todos são filhos do Pai, mas nem sempre se consideram irmãos abertos à fraternidade universal.

2 MISERICÓRDIA

O Dicionário Crítico de Teologia, p. 1150-1152, alude à etimologia do termo “misericórdia”, de raiz latina, evidenciando sua ligação com a sensibilidade humana e a compaixão como uma reação do coração diante da miséria do outro. O glossário frisa que a misericórdia é um dos aspectos da sensibilidade humana e que, mediante um antropomorfismo, é atribuída a Deus. Na Bíblia latina, a tradução do atributo divino de misericórdia é conferida pelo termo *misericors* e pelo verbo *misereor*, ocorrendo 273 vezes no Novo Testamento. A prática da misericórdia é encarada como virtude indispensável, designando a benevolência compreensiva de Deus, sua prontidão para o perdão, sua clemência.

O dicionário estabelece a relação entre justiça e misericórdia, citando textos de Qumran e a literatura intertestamentária, que se ocupam de tal dualidade. Também realça a prática da misericórdia no espectro monástico, onde os monges buscam se assemelhar a Deus através dessa virtude, como um caminho para a semelhança com o divino. O dicionário, ainda, cita a virtude da misericórdia e sua ligação com a justiça, perscrutando como essa temática é averiguada nas tradições monásticas e teológicas. Aponta a importância da misericórdia como uma virtude espiritual elementar. Diferentes autores e tradições são apresentados na interpretação e aplicação dessa virtude em suas reflexões.

São Bernardo de Claraval, em sua carta Sermões sobre o Cântico dos Cânticos, debate a tensão entre justiça e misericórdia, sobretudo no contexto do juízo final, e como esse conflito é resolvido. O texto delinea as impressões de Santo Tomás de Aquino sobre a misericórdia como beatitude e virtude, além de desenvolver a associação da justiça com a misericórdia em vários contextos teológicos e filosóficos.

À parte a dimensão teológica, a misericórdia ainda guarda um enfoque antropológico e social expressivo. Antropologicamente, é analisada como uma capacidade intrínseca ao ser humano de se compadecer do sofrimento alheio e agir para aliviar esse tormento. Socialmente, a prática da misericórdia surge em diversas formas de solidariedade e justiça social, onde indivíduos e comunidades se mobilizam para ajudar os mais necessitados e vulneráveis.

A discussão sobre misericórdia se estende para a época moderna, onde a noção de perdão-misericórdia é revalorizada, principalmente diante de questões como os “crimes contra a humanidade”, que ganharam visibilidade global no século XX.

A reflexão sobre misericórdia não se restringe apenas ao ambiente religioso, mas permeia igualmente as questões sobre ética, direitos humanos e justiça social, prevalecendo a necessidade de compaixão e solidariedade em um mundo sinalizado por desigualdades e conflitos.

João Paulo II estuda a misericórdia divina como uma característica essencial de Deus e um modelo para a humanidade. Ele descreve a misericórdia como uma força que promove a reconciliação e restauração em contraste com a justiça puramente punitiva. A parábola demonstra que a misericórdia vai além da justiça e busca recuperar o relacionamento. O pai não apenas perdoa ao filho, mas também restaura a dignidade e a posição, referindo que a misericórdia divina é uma força que impulsiona a verdadeira reparação. O pai age imediatamente com generosidade e alegria. Essa ação converge à descrição de João Paulo II da misericórdia como uma resposta ativa e generosa às necessidades humanas. A parábola ainda censura a visão exclusiva e o orgulho do filho mais velho, que é uma cópia das atitudes dos fariseus. João Paulo II argumenta que a misericórdia divina não é reduzida a méritos ou a status, e a parábola reforça a ideia de que todos são igualmente dignos de indulgência.

3 UMA ABERTURA AO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

O diálogo religioso desempenha um papel determinante na sociedade, permeado por desafios relacionados a preconceitos e a barreiras religiosas, ao invés de pontes

foram construídos altos muros. O Concílio Ecumênico Vaticano II (CVII) abre portas para o reconhecimento e convivência com outras denominações religiosas e culturas, mesmo não cristãs. Vasculhar a importância do diálogo inter-religioso com foco na vivência da religião de matriz africana Umbanda, levando em conta a percepção da misericórdia e do acolhimento, trouxe experiências e reflexões práticas dos conceitos substanciais dos ensinamentos de Jesus Cristo.

A escolha da Umbanda como objeto do diálogo inter-religioso neste projeto decorre do desejo de superar preconceitos persistentes, não apenas no âmbito pessoal, mas também no espaço eclesial hodierno. A Igreja Católica, em sua orientação oficial, fomenta o ecumenismo e o diálogo inter-religioso perante a sinodalidade. No entanto, na prática cotidiana, ainda é evidente a presença de preconceitos em relação às religiões de matriz africana, que acabam por afastar os crentes em vez de aproximá-los.

O Papa Francisco encorajou o valor do diálogo inter-religioso. Ele garantiu que, em um mundo globalizado com a aceleração das comunicações internacionais, o convívio entre diferentes tradições religiosas é fundamental. O Papa endossa que a sinodalidade da Igreja deve se espelhar no encontro com o rosto de Cristo que está presente em cada ser humano, acima de tudo naqueles que sofrem. Em seu discurso aos participantes da Plenária do Dicastério para o Diálogo Inter-Religioso, em 6 de junho de 2022, ele afirmou que “a globalização e a aceleração das comunicações internacionais fazem do diálogo em geral, e do diálogo inter-religioso em particular, uma questão crucial.”

Os praticantes da Umbanda, assim como os frequentadores dos terreiros, enfrentam tabus enraizados e são vítimas de agressões morais, físicas e sociais, até vítimas fatais por intolerância religiosa. A encíclica *Redemptoris Missio* (1990), de João Paulo II, já havia nomeado o diálogo como parte intrínseca à missão cristã. Embora não mencione explicitamente o diálogo inter-religioso, o documento evoca o respeito e a convivência mútua como ferramentas de crescimento espiritual. Assinala a união em prol do bem comum em consonância com a mensagem de Jesus Cristo, que ensinou a acolher e a cuidar dos necessitados. A experiência do diálogo inter-religioso não afasta os indivíduos cristãos de sua fé; pelo contrário, afirma os princípios do acolhimento e amor presentes no Cristianismo. A comunidade umbandista caracteriza-se pela simplicidade, ausência de superioridade e um autêntico amor pela comunhão e pelo serviço, sem proselitismo.

A falta de convivência com outras manifestações religiosas de fé empobrece a comunidade cristã e a priva de uma compreensão mais rica dos ensinamentos de Jesus, o mestre. O diálogo inter-religioso funciona como ponte para uma prática mais intensa do amor fraterno e da comunhão, pois Cristo acolhia justamente aqueles que viviam às margens da religião judaica de sua época.

Na contramão daqueles que perpetuam os preconceitos, os praticantes do diálogo inter-religioso querem entender as diferenças e contribuir para a construção de relacionamentos sólidos. Contudo, os desafios são sérios na concretização do desejo do Papa Francisco, de que a comunidade católica promova o diálogo, notadamente o inter-religioso. Ainda em seu discurso aos participantes da Plenária do Dicastério para o Diálogo Inter-Religioso, o Papa destacou que na "Igreja de escuta recíproca na qual cada um tem algo a aprender", e que o paradigma da espiritualidade do Concílio Vaticano II se expressa na história do Bom Samaritano, onde "o rosto de Cristo se encontra no rosto de cada ser humano, especialmente do homem e da mulher que sofrem". Preconceitos arraigados, fundamentalismo religioso e a falta de escuta são obstáculos que dificultam o progresso do diálogo. Os tabus criam barreiras para interagir e compartilhar um amor comum: o de Cristo, que olhava com benevolência as diferentes pessoas (cf. Lc 9,51-53).

Em suas encíclicas *Evangelii Gaudium* e *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco chamou a atenção para a espiritualidade e a necessidade de respeito às outras tradições religiosas. Para o pontífice, o diálogo é o meio de provocar a visão mais densa e maior união entre as religiões, ao reconhecer que as religiões prestam respostas humanas às questões centrais da vida e são influenciadas pela ação do Espírito Santo.

É nesse cenário que a misericórdia pode ser colocada em prática no mundo, particularmente no relacionamento com aqueles que não compartilham da fé cristã. Além disso, devem-se empreender todos os meios e sentidos para a vivência dos ensinamentos de Jesus Cristo. O tema desperta para a ação misericordiosa, acolhida fraterna, possibilitando refletir o exemplo do *pai misericordioso*. Qual é o papel de cada cristão a partir da perspectiva desta parábola? Age-se como o filho mais velho, que nega qualquer possibilidade de integração com aquele que está fora? São pontos que devem embasar a reflexão e a práxis.

No artigo de Junior Vasconcelos do Amaral (2020), *Da misericórdia à justiça em Lucas*, o autor propõe três ideias analógicas entre a misericórdia e a justiça no evangelho lucano. Como a ação de Jesus com a viúva de Naim exprime a importância

da compaixão e, por fim, de que forma a narrativa lucana ecoa a misericórdia e a justiça de Deus. Na verdade, comprova a compaixão de Jesus ao ressuscitar o filho da viúva, trazendo esperança e transformação à vida de quem as tinham perdido.

A narrativa lucana descreve a ação salvífica de Jesus, que combina misericórdia e justiça. O contexto androcêntrico e patriarcal da sociedade da época é discutido. Este assevera a vulnerabilidade das mulheres viúvas e mostra a relevância da misericórdia e da justiça de Deus manifestadas por intermédio das ações de Jesus, que impactam positivamente a vida das pessoas. Nesse argumento apresentado por Amaral, pode-se comparar com o tema aqui tratado. Mesmo que distante, é interessante pensar na forma de olhar e de se correlacionar com os irmãos que não vivem da mesma comunhão de fé cristã. Na passagem, não se vê em nenhum momento Jesus indagando qual seria a religião ou forma de vida daquela viúva siro-fenícia. Ele age por compaixão e amor ao próximo, independente de sua fé

Wolff (2022) em *Diálogo e sinodalidade na ação missionária da Igreja: perspectivas a partir do Sínodo da Amazônia* mostra como o mundo está cada vez mais plural no cenário cultural e religioso. A ideia central, segundo o autor, é que a Igreja precisa adotar uma abordagem dialogal mais convicta em sua missão. Isso não pressupõe apenas conversar com outras culturas, igrejas ou religiões (*ad extra*), mas também assumir processos sinodais internamente (*ad intra*) para decidir sobre os projetos de evangelização e construção da fraternidade universal.

O Sínodo para a Amazônia é um exemplo significativo nessa direção. Não apenas defendeu a proclamação da fé cristã, mas também a ligou diretamente às práticas que favorecem a justiça socioambiental, refletindo o ideal de “vida em abundância” (cf. Jo 10,10b), tanto para os seres humanos quanto para toda a Criação. Fica claro, mais uma vez, que o diálogo e a aceitação entrelaçadas pela misericórdia abraça a todos que estão em sintonia com o projeto evangélico de Jesus Cristo.

Assim, Wolff recomenda que a Igreja atualize sua abordagem evangelizadora mediante à *cultura do diálogo* e da *conversão sinodal*. A cultura do diálogo envolve a capacidade de ouvir as diversas realidades e aprender com outros contextos culturais e religiosos, enquanto a conversão sinodal sugere uma mudança estrutural na forma como a instituição se organiza e toma decisões, promovendo uma participação mais ampla e colegiada de seus membros.

Duas perícopes dos evangelhos de Mateus e Marcos são base para a análise, Mt 12,46-50 e Mc 3,31-35. Ambas narram o momento em que Jesus está ensinando a uma

multidão e sua família chega procurando por Ele. Em Mt 12,46-50, Jesus estava falando para uma multidão quando sua mãe e seus irmãos chegaram do lado de fora; quando alguém da multidão informa a Jesus que sua mãe e seus irmãos querem falar com ele, sua resposta é direta: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos”? Ele estende a mão para os discípulos e faz a seguinte afirmação: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos, pois quem faz a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe”.

Já em Mc 3,31-35, Jesus está cercado por uma multidão, quando sua mãe e seus irmãos chegam e mandam chamá-lo. A multidão ao redor de Jesus informa que sua mãe e seus irmãos estão lá fora procurando por ele. A resposta de Jesus também é direta: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos”? Jesus olha para as pessoas e declara: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos. Quem faz a vontade de Deus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe.”

Os dois relatos privilegiam seguir a vontade de Deus para além dos laços familiares biológicos. Jesus não nega a importância de sua família terrena, mas ensina que a verdadeira família espiritual é formada por todos os que fazem a vontade do Pai. A atitude de Jesus confirma que a comunhão com Deus e a obediência à sua vontade são imperativos para pertencer à família de Deus. Deve-se sempre estar em sintonia com todos aqueles que agem, vivem e permitem a vontade do Pai, que é o amor. Esses preceitos também ressaltam a universalidade e a inclusividade da família de Deus, abrangendo todos os que seguem Cristo em espírito e verdade, independentemente de laços de sangue ou de religião (cf. Jo 4, 4-26).

Barreiro (1998), em sua obra *Parábola do Pai Misericordioso*, trabalha a história do filho pródigo em duas palavras-chave: o perdão e a misericórdia divina. A ênfase recai sobre a generosidade do pai em perdoar ao filho e acolher o jovem pródigo de volta, não obstante de seus erros passados. Essa interpretação enaltece a magnitude do perdão de Deus, que ultrapassa as limitações humanas.

No contexto do diálogo inter-religioso, a mensagem de perdão e misericórdia presente na *parábola do pai misericordioso* pode expor um ponto de convergência entre diferentes tradições religiosas: a ideia do Deus compassivo e acolhedor é um tema universal.

Ao avaliar a profundidade do perdão divino nessa parábola estudada, os praticantes das concepções religiosas podem encontrar conexão em torno dos valores comuns de compaixão, reconciliação e amor incondicional; valores esses centrais no amor do Pai. Essa apreciação mútua das semelhanças nas mensagens espirituais pode

fortalecer os laços de respeito e entendimento entre as distintas denominações religiosas. Dessa maneira, ocasiona um diálogo inter-religioso mais enriquecedor, harmonioso e profícuo.

Em *A compreensão e a prática da misericórdia em diferentes religiões*, Matiello e Padilha (2020) compreendem a prática da misericórdia em diferentes religiões. Eles veem pontos de convergência e singularidades, a importância do diálogo inter-religioso e da colaboração entre seguidores de diversas crenças para viabilizar uma sociedade mais justa e compassiva. A misericórdia é referida como um conceito primordial que extrapola as fronteiras religiosas, sendo vital para a construção de relações humanas mais empáticas e solidárias. Segundo os autores, o Papa Francisco, por exemplo, em passagens que tratam de sua visão pastoral e de sua proclamação do Ano Santo da Misericórdia (2015-2016), marca a ligação entre a misericórdia divina e a prática da compaixão entre os seres humanos. Acrescenta a importância da espiritualidade do cuidado em todas as dimensões da vida.

No cenário do diálogo inter-religioso analisado, o discurso do Papa Francisco durante o Encontro Inter-religioso realizado em 3 de novembro de 2016, no Vaticano, na presença de representantes do Cristianismo, Judaísmo, Islamismo e Budismo compartilharam suas perspectivas a respeito da misericórdia. Por meio da discussão conjunta, os participantes puderam especular como a misericórdia se manifesta em suas tradições religiosas e no cotidiano, gerando valores de respeito, compaixão e justiça. Em seu discurso ratificou o cultivo de uma cultura de misericórdia alicerçada no encontro com o outro, na solidariedade e na busca por uma convivência pacífica entre diferentes visões de mundo. Ao discernir a misericórdia como um elemento inseparável para a construção de uma sociedade mais inclusiva e empática, acredita-se na prática da compaixão como forma de colaborar para a cura das feridas da humanidade e para a promoção do bem-estar coletivo.

Perondi (2017), em *Lucas: o evangelho da misericórdia*, elenca a perspectiva da misericórdia e do diálogo de maneira ampla e abrangente. O autor intui que a misericórdia se constitui em atributo divino. Jesus é apresentado como o Messias humano, revelando o rosto do Pai rico em misericórdia. A misericórdia de Deus é celebrada nos cânticos iniciais, demonstrando a continuidade da misericórdia ao longo das gerações.

O evangelho de Lucas ressalta a prática da misericórdia pelos seguidores de Jesus. A citação *Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso* (Lc 6,36) explicita a

necessidade de refletir acerca da misericórdia divina nas ações cotidianas. O texto inclui o diálogo e a convivência fraterna de irmãos como orientações para lidar com conflitos e diferenças, superando o indiferentismo. O exercício do perdão, da tolerância e do respeito mútuo são elementos inerentes para a sobrevivência e crescimento da comunidade.

Outra questão é a transformação através da misericórdia, pois ela e o perdão são mostrados como instrumentos de mudança e regeneração, reconfigurando a dignidade do ser humano, na figura do filho pródigo (o jovem), que encontra a verdadeira prodigalidade no Pai, resultando em novo sentido para sua vida. A prática não apenas salva e reintegra os pecadores, mas também resguarda a oportunidade de exercer o bem em situações na qual o mal parece vencer, tornando o amor mais forte e presente. Sobre a inclusão e integração, Lucas explicita a compaixão e a misericórdia de Jesus em relação aos marginalizados e aos excluídos, basta ler com atenção todo este belo Evangelho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um mundo marcado pela diversidade religiosa e cultural, o diálogo inter-religioso emerge não apenas como uma necessidade, mas como um imperativo ético e espiritual. A partir do debate proposto nesse artigo, especialmente com ênfase na vivência com a Umbanda e nos olhares cristãos de misericórdia e acolhimento, podem-se vislumbrar caminhos para superar preconceitos arraigados ao largo do tempo e construir laços de compreensão e respeito mútuo, na coparticipação e fraternidade universal.

O Concílio Vaticano II e as encíclicas papais, desde *Redemptoris Missio* até *Evangelii Gaudium* e *Fratelli Tutti*, originam diretrizes claras para a ascensão do ecumenismo e do diálogo inter-religioso na prática cristã. Todavia, deparam-se com desafios significativos, como credices enraizadas, fundamentalismo religioso, integrismos, e falta de escuta atenta e fraterna, bem como violência e desrespeito, que podem obscurecer o percurso para uma convivência pacífica e colaborativa entre diferentes tradições religiosas.

O memorável Papa Francisco afirmou que o diálogo inter-religioso vai além da mera tolerância. O Papa enfatizou a obrigatoriedade de construir uma relação baseada na verdade, amor, paz e harmonia, mantendo valores espirituais e morais:

O diálogo entre pessoas de religiões diferentes não se faz apenas por diplomacia, amabilidade ou tolerância. Como nos ensinaram os bispos da Índia, ‘o objetivo do diálogo é estabelecer amizade, paz, harmonia e partilhar valores e experiências morais e espirituais num espírito de verdade e amor (Fratelli Tutti, 271).

A experiência de convívio com a Umbanda, que se desvela num contexto de simplicidade, acolhimento e amor pela comunhão, indica lições para todos os praticantes do diálogo inter-religioso. Ao examinar os ensinamentos de Jesus Cristo, percebe-se que a misericórdia e o amor ao próximo são universais, transcendentais e fundamentais para consolidar os vínculos da fraternidade universal entre as pessoas de diferentes crenças e tradições, pois o que se busca é o amor, o maior dom de Deus. No evangelho joanino se destaca em “como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros” (cf. Jo 13,34).

A narrativa evangélica, singularmente a parábola do *Filho pródigo* ou *Pai Misericordioso*, ilustra a generosidade do perdão divino e a importância da reconciliação. Este exemplo de compaixão pode servir como um ponto de encontro que suscita diálogo inter-religioso enriquecedor e harmonioso, firmando nos valores comuns de compreensão, respeito mútuo e amor incondicional, para além das religiões.

Portanto, cabe às comunidades religiosas e além de suas fronteiras fomentar a cultura do encontro, do diálogo e da aceitação. Através da escuta empática, do aprendizado mútuo e do compromisso com a justiça e a paz, pode-se transformar o confronto em cooperação e a diversidade em uma fonte de enriquecimento espiritual e humano. O exemplo de Jesus Cristo, que acolhia e amava todos os que buscavam sua presença, deve inspirar a construir um mundo onde todas as pessoas, à parte suas crenças, sejam valorizadas e respeitadas como filhas e filhos do mesmo Pai Nosso.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Junior Vasconcelos do. Da misericórdia à misericórdia/justiça em Lucas. O encontro com a viúva de Naim (Lc 7,11-17). **Revista Eclesiástica Brasileira**, 80(316), 2020, p. 398-408. <https://doi.org/10.29386/reb.v80i316.2053>.

BARREIRO, Álvaro. **Parábola do pai misericordioso**. São Paulo: Loyola, 1998.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 19ª impressão. São Paulo: Paulus, 2024.

ECO, Umberto. **Lector in fabula: le role du lecteur ou la coopération interprétative dans les textes narratifs**. Paris: Grasset, 1985.

FRANCISCO. **Evangelii Gaudium. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. Vaticano: Editora Vaticana, 2013.

FRANCISCO. **Fratelli Tutti. Sobre a fraternidade e a amizade social**. Vaticano: Editora Vaticana, 2020.

- JEREMIAS, Joachim. **As parábolas de Jesus**. 10 ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- JOÃO PAULO II. **Dives in misericórdia**. Vaticano: Editora Vaticana, 1980.
- JOÃO PAULO II. **Redemptoris Missio. Sobre a permanente validade do mandato missionário**. Vaticano: Editora Vaticana, 1990.
- KELLER, Timothy. **O Deus pródigo: descubra o coração do Pai que não desiste de você**. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- LACOSTE, Jean Yves (Dir.). **Dicionário crítico de Teologia**. Tradução: Paulo Meneses et al. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004.
- MARTINI, Carlo Maria. **O pai-nosso e a parábola do filho pródigo**. São Paulo: Paulinas, 1997.
- MATIELLO, Suzana Terezinha; PADILHA, Tarcísio. A compreensão e a prática da misericórdia em diferentes religiões. **Caminhos de Diálogo**, 7(11), 2020, p.196-210. <https://doi.org/10.7213/cd.a7n11p196-210>.
- NOUWEN, Henri. **A volta do filho pródigo. A história de um retorno para casa**. São Paulo: Paulinas, 1998.
- PERONDI, Ildo. Lucas: o evangelho da misericórdia. **Caminhos de Diálogo**, 5(7), 2017, p. 72-81. <https://doi.org/10.7213/cd.a5n7p72-81>.
- SÃO BERNARDO DE CLARAVAL. **Sermões sobre o Cântico dos Cânticos**. São Bernardo, 2023
- VIER, Frederico (coord. geral). **Concílio Vaticano II. Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações**. Petrópolis: Vozes, 1968.
- WOLFF, Elias. Diálogo e sinodalidade na ação missionária da Igreja: perspectivas a partir do Sínodo da Amazônia. **Revista Eclesiástica Brasileira**, 82(321), 2022, p. 45-65. <https://doi.org/10.29386/reb.v82i321.3935>.

(Recebido em junho de 2025; aceito em julho de 2025)